

ID: 116874946

25-04-2025

**HELENA MACHADO**

Professora e Investigadora, Universidade do Minho/ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

A Inteligência Artificial Generativa no Ensino Superior

Nos últimos meses, têm vindo a multiplicar-se iniciativas nas universidades portuguesas que procuram debater as implicações do uso de inteligência artificial (IA) no ensino superior. No centro destas discussões está a chamada inteligência artificial generativa, uma tecnologia que se distingue por ser capaz de criar conteúdos – como textos, imagens, vídeos, música ou código – a partir de padrões aprendidos com enormes quantidades de dados.

Ao contrário dos sistemas de IA tradicionais, que funcionam com base em regras pré-definidas, a IA generativa aparenta “inventar” algo novo. É, por exemplo, capaz de redigir um ensaio, criar o retrato de uma pessoa que nunca existiu ou programar uma aplicação simples com base

numa descrição em linguagem natural. No entanto, esta capacidade criativa é apenas aparente: os modelos de IA generativa não compreendem verdadeiramente o conteúdo que produzem – limitam-se a prever sequências de palavras ou elementos com base em estatísticas.

Esta nova realidade levanta questões profundas sobre a natureza da criatividade, da autoria e até do conhecimento. Por um lado, há quem veja nesta tecnologia um recurso útil para apoiar estudantes e docentes, facilitando o acesso à informação, promovendo a aprendizagem e até potenciando a investigação científica. Por outro, surgem preocupações legítimas: estas ferramentas podem gerar conteúdos errados ou desatualizados, reproduzem

preconceitos presentes nos dados em que foram treinadas e podem levar à dependência tecnológica, reduzindo o pensamento crítico.

Além disso, há riscos éticos e legais, como o plágio ou a violação de direitos de autor. Aceitar cegamente as respostas produzidas por IA é abdicar do espírito crítico que deve nortear o pensamento académico.

Mais do que nunca, importa promover uma utilização consciente e responsável destas ferramentas, reconhecendo as suas limitações e reforçando o papel da reflexão crítica no meio académico. A tecnologia pode ser uma aliada – desde que não substitua aquilo que é mais humano no ensino: a capacidade de questionar, interpretar e criar com sentido.

